



O ENSINO DO SUJEITO GRAMATICAL NA AULA DE PORTUGUÊS: UMA ABORDAGEM PAUTADA NOS EIXOS USO E REFLEXÃO

Iscarlety Matias do Nascimento
(Universidade Federal de Goiás UFG)

RESUMO:

Este estudo buscou compreender a ausência/preenchimento do sujeito gramatical na produção escrita de alunos do ensino fundamental de uma escola de Goiânia-Goiás. Realizamos uma explicação sobre o conceito de Sujeito Nulo, cuja nomenclatura da Gramática Normativa é Sujeito Oculto. Para a análise do Sujeito Nulo nos textos escritos, tivemos como fundamentação teórica os pressupostos do Programa de Investigação da Gramática Gerativa, mais precisamente a Teoria de Princípios & Parâmetros da Gramática Universal proposta por Noam Chomsky, uma vez que essa teoria propõe a existência do Parâmetro do Sujeito Nulo. Em um primeiro momento, refletimos sobre as orientações dos Parâmetros Nacionais Curriculares, mais especificamente sobre os eixos uso e reflexão. Assim, consideramos o ensino reflexivo da gramática e discutimos sobre as atividades discursivas. Posteriormente, consideramos os procedimentos da prática de análise linguística sugeridos pelos PCNs, para a construção do conhecimento linguístico em relação ao Sujeito Oculto como elemento coesivo nos textos. Neste estudo, recorremos à concepção de linguagem defendida por Geraldini. O estudo caminhou para a explicitação do papel da escola no ensino de língua materna, por isso estabeleceu a relação entre aquisição da linguagem e aprendizagem e buscou enfatizar a importância das práticas uso e reflexão nas aulas de português.

PALAVRAS-CHAVES: Ensino de língua portuguesa. Análise Linguística. Sujeito Nulo.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo busca compreender a ausência/preenchimento do sujeito gramatical na produção escrita de alunos do ensino fundamental de uma escola de Goiânia-Goiás, haja vista que estudos apontam para o desaparecimento do sujeito nulo (DUARTE (1993), MAGALHÃES (2000), BAGNO (2013)), principalmente na modalidade oral da língua, sendo que à escola, responsável pelo ensino da modalidade escrita, cabe ensinar o uso significativo do Sujeito Nulo na escrita.

Assim, o estudo aponta a importância de o professor como mediador trabalhar com o texto do aluno, para que este compreenda a importância do sujeito elíptico na construção coesa e coerente de texto. Dessa maneira, o aluno compreenderá as aulas de gramáticas além dos exercícios de taxonomia, não sendo necessário apenas classificar os termos da oração como sujeito oculto/elíptico, por exemplo, mas sim, entender os conceitos abstratos em



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

funcionamento na língua, isto é, como objetos de reflexão, seguindo os eixos uso e reflexão propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Mediante esses eixos, o estudo deste trabalho será embasado na prática de produção de textos na modalidade escrita da língua, cuja reflexão se dá na análise linguística por intermédio das atividades: I) linguística, que considera a gramática internalizada do aluno, já que “o aluno produz o que ele sabe (gramática internalizada)” (POSSENTI, 1996, p.90); II) epilinguística, que diz respeito ao uso que o sujeito faz sobre a linguagem, operando com a materialidade linguística, sendo uma de suas preocupações a refacção textual, já que o sujeito é capaz de agir sobre a linguagem e conscientemente transformar seu texto, pois adquire e aprende conhecimentos relativos às propriedades linguísticas e, por último, III) a atividade metalinguística, que é o trabalho com as nomenclaturas gramaticais. A proposta será, pois, inverter a ordem de ensino pregado pela Gramática Tradicional, cujo trabalho inicia-se com o estudo metalinguístico, desconsiderando a gramática internalizada do aluno, e construir conhecimentos por mediação das práticas de produção de textos (USO) e de análise linguística (REFLEXÃO) que permitem que o aluno reflita sobre a sua língua materna.

O objetivo, neste estudo, a partir de uma pesquisa qualitativa, é refletir sobre a categoria gramatical sujeito como mecanismo de coesão textual na produção escrita de alunos do ensino básico. Para isso, o estudo está organizado desta maneira: 1. Fundamentação teórica; 2. Metodologia; e 3. O ensino do sujeito gramatical: uma perspectiva pautada nos eixos Uso e Reflexão.

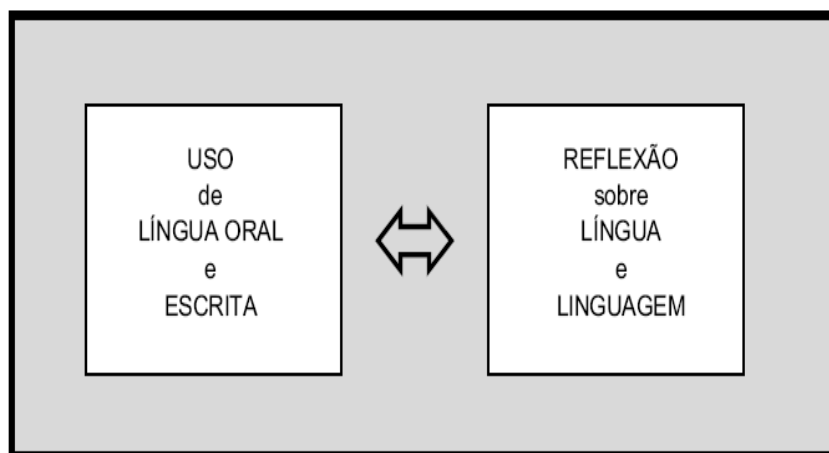
1. Fundamentação Teórica

Compreende-se que “assenta-se a necessidade de uma gramática escolar que não apenas contemple uma taxonomia e elenco de funções [...]” (NEVES, 2008, p.11), mas que conduza o ensino de língua e, portanto, também de gramática, a uma reflexão, indo, pois, pelo uso linguístico, por isso entende-se que para haver uma transformação significativa no ensino de Língua Portuguesa, o ponto de partida e de chegada, para a consolidação da aprendizagem, deve ser o uso da linguagem.

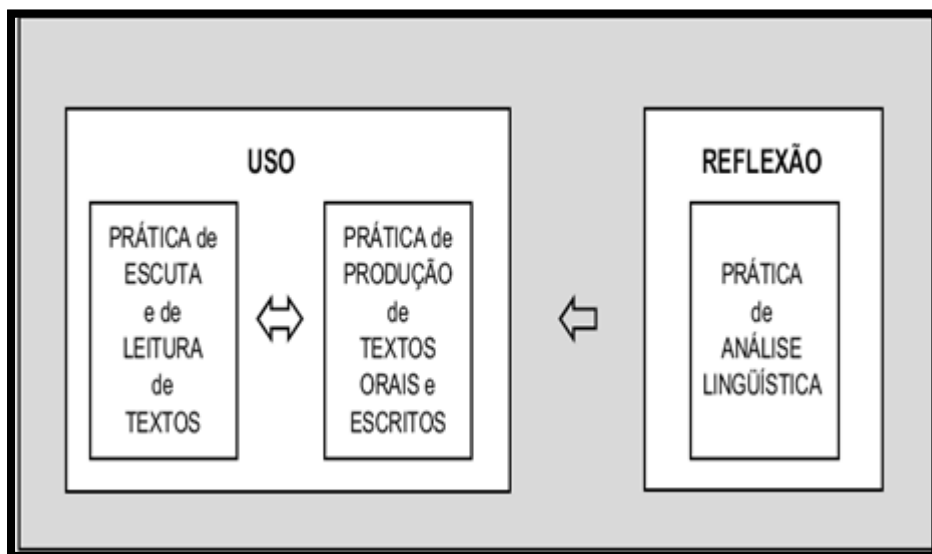
Os PCNs de Língua Portuguesa propõem que, para o ensino se dê de forma significativa, capacitando o aluno a dominar as diferentes variedades linguísticas de fala e de escrita, os conteúdos de língua materna se articulem em torno de dois eixos:



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE



À luz do eixo USO, os PCNs desejam que na aula de Língua Portuguesa trabalhe-se com as modalidades oral e escrita da língua, para que os alunos sejam capazes de analisar o funcionamento da língua em situações concretas. Assim, a organização dos conteúdos se dará da seguinte maneira:



Segundo Geraldi (2006), o ensino de Língua Portuguesa, seguindo a proposta dos PCNs, deve centrar-se na leitura de textos, produção de textos e análise linguística. Deve-se, portanto, mediante os eixos uso e reflexão repensar o ensino metalinguístico da língua que privilegia exercícios de nomenclatura e alguns e esporádicos exercícios de língua de fato em uso e reflexão. Esse ensino artificial da língua é ineficaz, haja vista que simula um uso da língua, se dá, pois, um ensino de língua fictícia, ao invés de considerá-lo em sua realidade.

Ao esquematizar o ensino de língua portuguesa sob os eixos usos e reflexão, os PCNs propõem que a unidade de ensino seja o texto. Cabe ressaltar que ao eleger o texto como



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

objeto de ensino, o objetivo não é tê-lo como pretexto para análise de simples aspectos taxonômicos e sim como uma abertura para a percepção reflexiva da gramática da língua.

Para que o eixo reflexão seja de fato compreendido pelo professor, primeiramente deve-se entender “a distinção entre o conhecimento linguístico que o aluno possui antes de chegar à escola e o conhecimento da nomenclatura que irá adquirir por meio do ensino metalinguístico” (CERQUEIRA, 2010).

Quando o aluno ingressa na escola já dispõe de uma gramática internalizada, isto é, apresenta um conhecimento inato de sua língua, haja vista que apresenta um aparato biológico que permite a aquisição da língua materna e, naturalmente, uma consciência linguística, independente de qualquer estudo dentro da sala de aula. Portanto, o professor deve ter a “visão do aluno como alguém que JÁ SABE a sua língua pois a maneja com naturalidade muito antes de ter ido à escola” (LUFT, 2003, p.12).

Após a compreensão de que o aluno possui uma gramática interna, a análise linguística acontecerá a partir do momento que a sala de aula for um espaço de interação verbal, isto é, um diálogo entre sujeitos (alunos – professor). Cabe ressaltar que os sujeitos desse espaço são portadores de diferentes conhecimentos que permitem que aula de língua portuguesa seja um acontecimento dialógico:

“a sala de aula como lugar de interação verbal e por isso mesmo de diálogo entre sujeitos, ambos portadores de diferentes saberes. São os saberes do vivido trazidos por ambos – educando (a) e educador (a) – que se confrontam com outros saberes, historicamente sistematizados e denominados “conhecimentos” que se dialogam em sala de aula.” (GERALDI, 1995, p.17)

Sendo pertinente à sala de aula de língua materna uma interação verbal, o texto, como unidade básica de ensino, possibilitará a concretização material desse espaço dialógico, cujo objetivo não é a busca de reconhecimento gramatical, mas uma perspectiva de ensino que possibilite a construção de conhecimentos, por meio do trabalho da leitura e da produção de textos (uso) e, posteriormente, uma reflexão dessa língua.

É neste processo dialógico que nasce a análise linguística que será entendida “como atividades interativas em sala de aula, quer pela produção de textos, que pela leitura de textos” (GERALDI, 1997, p. 189). Assim, a análise linguística se dará no interior do eixo uso.

A prática de análise linguística pressupõe as atividades linguísticas, epilinguística e metalinguística. A primeira atividade, linguística, diz respeito ao conhecimento internalizado



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

do aluno, isto é, a gramática internalizada. A segunda atividade refere-se ao trabalho de reflexão sobre a língua materna que se dará no processo de refracção do texto e a atividade metalinguística que é uma reflexão que leva à construção de conceitos, usa-se, pois, as nomenclaturas gramaticais. Nestas atividades conciliam-se o conhecimento do aluno (gramática internalizada) e o saber do professor (científico), para que se possa de fato, por meio do uso linguístico, criar condições de reflexão analítica da língua.

Percebe-se, pois, que para o trabalho de língua materna seja significativo mediante os eixos uso e reflexão, o professor deve compreender, primeiramente, que o aluno possui um conhecimento inato de sua língua e, assim, como mediador, o educador deverá entender a capacidade que o aluno tem de realizar algumas atividades independentemente de sua ajuda, pois há alguns acontecimentos, mesmo que inatos, já alcançados pelo educando, ou seja, o aluno tem um nível de desenvolvimento real (ZDR) que, cabe ressaltar, não deve ser esquecido pelo professor, pois esse nível ajudará na realização das atividades de metalinguagem que possibilitará que o educando alcance o nível de desenvolvimento proximal (ZDP), isto é, o aluno conseguirá realizar atividades com a ajuda de um mediador (professor).

Assim, o processo de ensino-aprendizagem se dará por meio de uma mediação simbólica, como apontará o teórico Vygotsky, e o professor assumirá o papel de mediador do conhecimento com o objetivo de interferir na ZDP, pois é nesse nível que a interferência do outro (professor) é transformadora, pois o professor criará condições para que o aluno alcance conhecimentos ainda não conquistados, sem lançar mãos da ZDR. Dessa maneira, “o processo de ensino-aprendizagem na escola deve ser construído, então, tomando como ponto de partida o nível de desenvolvimento real da criança (...) e como ponto de chegada os objetivos estabelecidos pela escola”. (OLIVEIRA, 2006, p. 62)

Portanto, o eixo uso e reflexão se dará no processo ensino-aprendizagem, quando partindo do conhecimento internalizado que o aluno já possui da língua, o professor assumir o texto como a unidade básica de ensino e possibilitar, mediante atividades epilinguísticas e metalinguísticas, a análise da língua; assim, se dará significativamente o ensino de língua materna, pois “o aprendiz vai desenvolvendo, progressivamente, sua capacidade linguístico-discursivo, e pelo uso ‘vivo’, concreto e adequado das unidades linguísticas, vai assimilando-as expressivamente na alteridade verbal e social.” (COSTA, 2000, p. 78).

Compreendendo que “a prática de análise linguística não é uma nova denominação para o ensino de gramática” (PCNs, 1998, p. 78), entende-se por meio dos eixos uso e



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

reflexão a importância do ensino do sujeito gramatical na sala de aula, haja vista que este assume um papel de recurso coesivo, por possibilitar ao aluno o domínio da concordância verbal para a recuperação da referência e, portanto, de manutenção da coesão.

Dessa maneira, mediante as atividades epilinguísticas e metalinguísticas, que se dão no eixo reflexão, cuja prática é de análise linguística, o aluno poderá trilhar um caminho para a análise, descrição e compreensão do Sujeito Nulo, também conhecido pelo termo de Sujeito Oculito pelos manuais de Gramática Normativa.

O Sujeito Nulo é um conceito dos pressupostos do Programa de Investigação da Gramática Gerativa, mais precisamente a Teoria de Princípios & Parâmetros da Gramática Universal proposta por Noam Chomsky (1981 e obras posteriores), uma vez que essa teoria propõe a existência do Parâmetro do Sujeito Nulo.

Noam Chomsky afirma em seu arcabouço teórico que o ser humano possui um aparato genético que o diferencia dos outros animais, por isso os seres humanos são dotados biologicamente de uma capacidade de adquirir uma língua, já que no aparato encontra-se a Faculdade da Linguagem. Portanto, o processo de aquisição da linguagem é inato, graças a essa faculdade presente na mente humana.

A Faculdade da Linguagem pressupõe a existência de uma Gramática Universal que é constituída de Princípios e Parâmetros. Os princípios dizem respeito às leis gerais de todas as línguas naturais e os parâmetros são as leis próprias de uma língua (MIOTO, SILVA, LOPES, 2005).

Segundo o pressuposto de Princípios e Parâmetros, toda língua possui sujeito, portanto, há o Princípio da Projeção Estendida, mas há diferentes propriedades paramétricas entre as línguas. Assim, línguas como o Francês e o Inglês são línguas de Sujeito Pleno, isto é, obrigatoriamente o sujeito deve ser sempre preenchido. Por outro lado, existem línguas em que o sujeito não precisa ser explicitado, visto que possui uma riqueza morfológica no paradigma flexional dos verbos; o Italiano e o Português Europeu são exemplos de língua de Parâmetro de Sujeito Nulo.

Algumas pesquisas apontam para o desaparecimento do Sujeito Nulo no Português Brasileiro (doravante PB) que está numa transição de marcar positivamente o Parâmetro do Sujeito Pleno e isso se deve a redução nos paradigmas flexionais (DUARTE, 1993).

Deseja-se com os eixos de uso e reflexão, cujo conteúdo programático será o sujeito gramatical, que o aluno seja capaz de analisar e refletir sua língua mediante a escrita de textos, visto que é na sala de aula que o aluno deve ter contato com a língua escrita e produzir



variados textos. Não se propõe que o professor deixe totalmente de lado exercícios que trabalhem nomenclatura, mas sim, que não trabalhe apenas estes e explore mais a capacidade inata de pensar a língua de seu aluno. Sírío Possenti (1996, p.84) afirma que “não se trata de excluir as tarefas da escola. (...) Trata-se apenas de estabelecer prioridades. (...)” Possenti afirma ainda que a prioridade deve ser absoluta para a leitura, escrita e todas as formas de interpretação. É pertinente que a aula de língua materna seja um espaço para a reflexão sobre a linguagem, pois refletir sobre a língua é o que falta no ensino de língua.

2. Metodologia

O presente estudo foi realizado mediante uma coleta de textos escritos, produzidos por alunos do ensino fundamental, mais especificamente turmas de 7º e 8º anos, de uma escola particular Goiânia – Goiás.

Os textos seguem a sequência narrativa que se materializam no gênero crônica. Juntamente com os alunos foi iniciada a leitura da crônica “O homem nu”, de Fernando Sabino que estes deveriam continuar considerando os fatos narrativos; 1) o homem devia a prestação de uma televisão, mas não poderia pagá-la no dia combinado, apesar de ter o dinheiro; 2) o homem mais sua mulher deveria permanecer calados, quando o cobrador da televisão viesse ao apartamento, cobrar a dívida e 3) o homem ficou preso do lado de fora de seu prédio e nu. Assim, os alunos deveriam articular uma história de caráter crítico, por meio desses três elementos que foram conhecidos a partir da leitura dos seis primeiros parágrafos do texto de Sabino.

Considerando os textos produzidos pelos alunos, os seguintes passos metodológicos foram seguidos, para a realização deste estudo: 1) Coleta dos textos de alunos do ensino fundamental 2) Seleção de dados e 3) Descrição e análise dos dados.

3. O ensino do sujeito gramatical: uma perspectiva pautada nos eixos Uso e Reflexão.

Ensinar o sujeito gramatical nas aulas de português deve ser um processo que englobe prática de leitura, produção de escrita, compreensão e funcionamento da linguagem, para propiciar uma reflexão sobre a língua. É necessário que o entendimento do sujeito gramatical, ou de outros elementos linguísticos, seja um processo de construção de (re) conhecimento da língua. Trabalhar com textos (leitura e/ou produção) é permitir que o aluno compreenda sua gramática internalizada e interpretando-a por meio de exercícios significativos aprenda a gramática normativa.



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

Discutir com os alunos frases de seus textos e questioná-los (POSSENTI, 1996, p. 89) são propostas para um ensino do estudo do sujeito gramatical que tendem “a propiciar e conduzir a reflexão sobre o funcionamento da língua, e de uma maneira, afinal, óbvia: indo pelo uso linguístico, para chegar aos resultados de sentido.” (NEVES, 2008, p.128). Reforça-se, pois, a necessidade de trabalhar com a gramática internalizada do aluno, para se chegar ao que se pretende: ensino da gramática normativa.

Propõe-se, portanto, que os professores aproveitem o conhecimento inato de seus alunos e incentive-os à reflexão evitando atividades enfadonhas e propondo atividades em que os alunos analisem a língua portuguesa por meio de uma “gramática contextualizada”. Como afirma Sírio Possenti (1996, p. 47): “Não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas. [...] O domínio de uma língua é o resultado de práticas efetivas, significativas, contextualizadas”.

Dessa maneira, a proposta de ensino do sujeito gramatical deste trabalho é centralizada na produção de textos de alunos da educação básica, para que se possam reconhecer as regras da Gramática Normativa numa prática reflexiva, por meio do uso efetivo da língua. Assim, como propõem os PCNs de Língua Portuguesa, consideramos o texto como unidade básica de ensino, partindo, pois, dos eixos uso & reflexão.

Durante a educação básica, alunos aprendem a classificação do sujeito, que ensinada aleatoriamente não parece ter nenhum sentido, mas se o professor aderir às atividades significativas de aprendizagem, o aluno compreenderá o porquê dos sujeitos: simples, composto, oculto e indeterminado. Neste trabalho focar-se-á no sujeito oculto (Parâmetro do Sujeito Nulo, Chomsky, 1981 e obras posteriores).

Noam Chomsky propôs que os seres humanos viessem ao mundo dotados de uma predisposição inata para a aquisição da linguagem e para o conhecimento das propriedades gerais das línguas humanas. Nessa programação biológica inata, encontra-se a Gramática Universal que é responsável pela capacidade humana de adquirir e usar uma língua natural e é composta por Princípios e Parâmetros.

“De acordo com P&P, a Gramática Universal seria composta por dois tipos de informações. Uma, mais rígida, invariável, presente em todas as gramáticas possíveis das línguas humanas, e que regulam o funcionamento da gramática com um todo. Outra mais flexível, aberta, específica de cada língua humana em particular.” (NETO, 2012, p. 25).



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

Sendo assim, o Parâmetro do Sujeito Nulo é uma característica de línguas como o Italiano e o PE que permitem que não se use explicitamente o sujeito pronominal. Há duas formas de se identificar o Sujeito Nulo: ou pela desinência verbal ou pelo contexto em que a sentença está inserida. Segundo Duarte (1993), o ponto crucial para caracterizar o Sujeito Nulo seria o elemento de concordância, pois pelo morfema gramatical do verbo é possível licenciar e recuperar o sujeito, tendo, assim, as línguas de Sujeito Nulo um sistema flexional rico.

Entretanto, o PB que marcava positivamente para o Parâmetro do Sujeito Nulo está perdendo essa característica paramétrica, haja vista que teria deixado de ser uma língua de flexão rica. De acordo com a pesquisa de Duarte (1993), o PB evoluiu de um sistema flexional com seis formas distintas para um paradigma que apresenta três formas verbais, concluindo que “com um paradigma de tal forma empobrecido ou enfraquecido, nada mais natural do que esperar alterações profundas na representação do sujeito pronominal.” (1993, p. 110). “Podemos interpretar esses novos fatos como decorrendo de mudança paramétrica, isso é, de novo valor atribuído a um parâmetro pelas crianças adquirindo sua língua, originando uma nova gramática” (apud GALVES, 1993, Chomsky, p.388).

Como afirma Bagno (2013), o Sujeito Pleno está conseguindo alcançar uma vitória significativa no PB, mas requer lembra que aos professores de língua portuguesa cabe à tarefa de ensinar o uso de sujeito pronominais nulos na escrita sempre que possível sem esquecerem-se da gramática internalizada do aluno, cuja aquisição linguística está sendo do Parâmetro do Sujeito Pleno. De acordo com Magalhães (2000, p. 81), “é possível dizer que a criança entra na escola com um sistema não pro-drop, continua por um bom período e aos poucos vai adequando tal sistema às normas prescritas pela tecnologia da escrita”.

Vejamos o exemplo de um texto de aluno do 7º ano, considerando um dos procedimentos de análise linguística sugerido pelos PCNs (p.80), “seleção de um dos textos produzidos pelos alunos, que seja representativo das dificuldades coletivas e apresente possibilidades para a discussão dos aspectos priorizados e encaminhamento de soluções. ”

E **ele**¹ começou a bater na porta com medo de alguém ver **ele** nu e então **ele** começou a ficar desesperado com medo de alguém ver e então **uma mulher**² saiu na porta e **ele** correu e (**cv**¹) escondeu e **a mulher** pega seu jornal e (**cv**²) entra e **ele** voltou a bater na porta e quanto mais **ele** batia menos barulho fazia e de repente **ele** ouve o elevador subindo e era **a fascineira**³ e quando **ele** viu **ela** se assustou e (**cv**³) deu um grito e (**cv**³) desceu e (**cv**³) chamo a polícia e **ele** bateu bateu até que **ele** teve uma ideia de



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

abrir com um arame e **ele** ficou 30 min tentando e não (*cv'*) conseguia até que **ele** conseguiu e (*cv'*) entro.

L.D., 7º ano

A partir da análise desse texto, o professor pode representar as dificuldades em relação ao uso do Sujeito Nulo e apresentar possibilidades para solucioná-las.

Inicialmente, pode se trabalhar a questão do gênero do texto, questionando se esse pode ser reconhecido por suas características nessa prática de produção textual e, provavelmente a resposta será a percepção de um texto de teor narrativo, mas que não invoca nenhuma crítica em relação aos dados cotidianos, haja vista que o aluno-autor não expôs em seu texto suas intenções, apenas narrou fatos sucessivos, isto é, não usou de recursos expressivos recorrentes ao gênero crônica e utilizou apenas da tipologia textual de narração.

Nesses apontamentos, o professor deve interferir e como mediador do ensino-aprendizagem criar situações para que os alunos consigam inserir descrições, argumentos e um olhar crítico diante da proposta realizada e perceber o fato de um homem está devendo uma televisão e, apesar de ter dinheiro, não ter como pagá-la no dia previsto, e acaba ficando nu fora de seu apartamento e sua mulher não atenderia a porta por causa do combinado, quando o cobrador batesse a porta. É pertinente dizer que há muitos outros aspectos para serem trabalhados na produção escrita do aluno.

Posteriormente, o trabalho do professor será de construir conhecimentos ao que cerne ao emprego dos fenômenos linguísticos, mais especificamente ao uso do Sujeito Pleno e a ausência de uso do Sujeito Nulo, tendo em vista a descrição desses fenômenos com o intuito de que o aluno reconheça o papel assumido por este no que diz respeito à coesão e coerência textuais.

Comprovando, pois, a tese de Magalhães (2000), percebe-se que o aluno usa sua gramática internalizada, por isso a presença do Sujeito Pleno. Dessa maneira, o professor deve conduzir os alunos numa produção escrita para uma construção com Sujeito Nulo, mostrando a partir do texto de um aluno, como estamos fazendo neste estudo, a repetição que se dá ao se usar constantemente o Sujeito Pleno no texto que o torna sem coesão e de difícil compreensão.

Assim, no texto do aluno L.D. do 7º ano, deve-se perceber o uso constante dos pronomes pessoais do caso reto “ele” e “ela” e em alguns casos o uso do pronome “ela” referindo-se tanto a uma mulher quanto à faxineira produz confusão à leitura, como neste fragmento do texto: “**a mulher** pega seu jornal e (*cv'*) entra e **ele** voltou a bater na porta e



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

quanto mais **ele** batia menos barulho fazia e de repente **ele** ouve o elevador subindo e era **a fascineira**³ e quando **ele** viu **ela** se assustou”. Quem de fato se assustou: a mulher ou a faxineira?

Deve-se, portanto, mostrar aos alunos por meio de seus próprios textos a importância do Sujeito Nulo na escrita, já que é um mecanismo de coesão, pois permite que um elemento linguístico seja omitido por ser facilmente recuperado no contexto, dando ao texto maior clareza, permitindo que a leitura possa fluir melhor, graças à escrita coesa. Segundo Koch (2001, p. 19), “o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual”. No texto de L.D. ocorre poucos casos em que há o Sujeito Nulo, o pronome sujeito “eles” é expresso em praticamente todas as orações do período, tornando-o repetitivo e a leitura mais cansativa.

O professor pode comprovar a ideia de coesão textual com algumas passagens do texto do aluno, como nesta: “**ele** correu e (*cv'*) escondeu e **a mulher** pega seu jornal e (*cv²*) entra.” Apesar de ser uma passagem rara na produção textual do aluno, pode-se mostrar que ele reconhece que a forma verbal “escondeu” refere-se ao homem nu que está representado no pronome “ele” e que o ato de entrar, mesmo não se referindo a ninguém, é praticado pela mulher, já que o homem está numa situação complicada. Portanto, o aluno pode perceber que o Sujeito Nulo atua na construção da coesão textual, sendo possível reconhecê-lo, neste caso, pelo contexto.

Cabe ressaltar que o texto L.D. mostra que o aluno ora usa o Sujeito Nulo ora o Sujeito Pleno, não tem confiança nos elementos textuais a serem usados no momento da escrita. Percebe-se nesse exemplo uma confusão na escrita do aluno “recheada por uma mistura de formas, o que reflete a confusão entre as gramáticas que o aluno traz para a escola (gramática internalizada) e as regras que lhe são ensinadas no processo de escolarização.” (MAGALHÃES, 2008). Esse texto é, provavelmente, o resultado de um ensino prescritivo.

Segundo Magalhães (2000), a produção escrita dos alunos nas séries iniciais reflete a gramática do processo de aquisição linguística (gramática internalizada), não sendo afetados de maneira significativa pelas aulas de língua materna, são as séries finais que apresentam as modificações do processo de aprendizagem.

Vejamos um exemplo de texto de um aluno do 8º ano:



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

“**O homem** desesperado, tentou abrir a porta, mas ela estava trancada ____ (cv) gritou:

____ Amoooooooooor, abre a porta!!!! ____ mas a mulher dele não escutou ____ (cv) tocou, tocou a campainha mas nada.

Quando se passaram uns 5 minutos, nu do lado de fora, (cv) viu que o elevador estava chegando no andar do próprio. Logo, (cv) pensou:

____ Será o cobrador? ____ Se (cv) desesperou, e (cv) insistiu mais ainda batendo na porta. A porta do elevador se abriu, se (cv) deram de cara, o cobrador e o homem. O cobrador ficou constrangido com aquela barbaridade que se via. O homem ficou todo vermelhinho, com muita vergonha, não (cv) dava conta de falar nada, as palavras saiam gaguejadas.

O cobrador logo perguntou:

____ O que é isto? ____ o homem passou a tremer e a (cv) gaguejar mais ainda:

____ É...é...é que...eu estava....é (cv) vim buscar o jornal aqui fora...

O cobrador não entendia nada e (cv) resolveu:

____ (cv) Volto amanhã! Mas por favor esteja descente!”

(J.C., 8º ano)

Ao observar o texto do aluno J.C., acredita-se que por um deslize, este colocou uma vírgula entre o sujeito e o predicado “**O homem** desesperado, tentou abrir a porta”, mas não cometeu o uso inadequado em outras sentenças, ao contrário, soube pontuar corretamente a oração com a presença de vocativo “____ Amoooooooooor, abre a porta!!!!”. Pode-se, portanto, chamar à atenção para a revisão do texto depois de tê-lo terminado e ressaltar que não se separa o sujeito do predicado, por isso não é adequado o uso da vírgula e reforçar a função sintática do vocativo.

Após a explicação de que não se usa vírgula entre sujeito e predicado, deve-se chamar à atenção para a ordem inversa da oração “se deram de cara, o cobrador e o homem” que mantém a concordância verbal, pois ao ensinar o sujeito gramatical, o professor tem que produzir condições para que o aluno perceba a importância da concordância verbal, que é considerado um conceito de sujeito, já que esse é recurso de extrema importância para um texto bem escrito e ensinar a modalidade escrita padrão da língua é papel da escola nas aulas de línguas materna.

Percebe-se que ao usar o Sujeito Nulo, o aluno J.C. compreende que os sujeitos são facilmente recuperáveis no contexto do texto. Verifica-se no fragmento “____ (cv) Volto amanhã!”, por exemplo, que o aluno não explicitou o pronome pessoal de primeira pessoa do singular (eu), pois a desinência do verbo “voltar” indica esta pessoa, que foi expressa anteriormente pelo sintagma nominal “O cobrador” e o mesmo ocorre com outras sentenças, como “Se (cv) desesperou, e (cv) insistiu mais ainda batendo na porta”, cuja desinência verbal



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

permite perceber que se refere à terceira pessoa do singular (ele/ela) e o contexto permite identificar como sendo o sujeito, expresso anteriormente, “o homem”.

Percebe-se que a produção textual acima, do aluno do 8º ano, corrobora com a tese de Magalhães (2000), haja vista que o uso significativo do Sujeito Nulo torna-se um mecanismo de coesão textual na produção escrita a partir do avanço das séries, pois já se compreende a importância dessa propriedade paramétrica como recurso de coesão textual, apesar de alguns ainda usarem o Sujeito Pleno, que é adquirido no processo de aquisição da linguagem.

Portanto o uso significativo do Sujeito Nulo refere-se a uma intervenção do professor que atua como mediador no processo de aprendizagem que deve conciliar a gramática internalizada do aluno à variedade padrão presente na produção escrita.

Percebe-se, portanto, que o trabalho do professor de Língua Portuguesa é mediar a aprendizagem por meio de práticas significativas como leitura e produção de textos e análise linguística, criando condições para que o aluno construa conhecimentos.

Assim, o Sujeito Nulo como um conhecimento a ser construído gradativamente, deve ser expresso no processo de ensino-aprendizagem por meio da intervenção do professor de língua materna que como mediador ensina a modalidade escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, procurou-se compreender o ensino do sujeito gramatical na sala de aula, considerando os eixos USO & REFLEXÃO propostos pelos PCNs, com o intuito de apresentar o ensino de língua portuguesa por meio de práticas significativas de ensino: produção de textos e análise linguística, por isso as produções escritas de alunos da educação básica foram nosso material linguístico para descrição e análise do uso significativo do Sujeito Nulo.

É pertinente, pois, o estudo da língua em funcionamento, para que o aluno possa refletir sobre um conhecimento inato e as atividades de produção de textos é um caminho a ser trilhado para que o ensino de gramática não seja rotulado como uma matéria difícil, mas sim uma matéria escolar de reflexão da língua materna.

Os professores de língua portuguesa não podem esquecer-se do papel como professor: ser mediador. Assim, devem intervir no processo de ensino-aprendizagem, para que os alunos usem na modalidade escrita da língua o Sujeito Nulo, pois essa propriedade paramétrica é um mecanismo de coesão textual e na sala de aula o aluno deve produzir textos coesos e coerentes que devem ser o material de trabalho para análise, descrição e compreensão da língua.



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. A vitória do sujeito pleno. In: _____. *Gramática de bolso do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo & VIEIRA, Silvia Rodrigues. (Org.). *Ensino de Gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998 e 1999.

CERQUEIRA, Mirian Santos de. *Atividade versus exercício: concepções teóricas e a prática da produção de textual no ensino de língua portuguesa*. Campinas, 2010.

_____. *Atividade ou exercício no trabalho com a produção escrita em sala de aula de língua portuguesa?* UFAL, 2003. Dissertação de Mestrado.

CHOMSKY, Noam. *O programa minimalista*. Tradução, apresentação e notas à tradução: Eduardo Paiva Raposo. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

_____. *O conhecimento da língua, sua natureza, origem e uso*. Caminho: Lisboa, 1986.

COSTA, Sérgio Roberto. A construção de ‘títulos’ em gêneros discursivos: um processo discursivo polifônico e plurissêmico. In: ROJO, Roxane. *A prática de linguagem em sala de aula*. São Paulo: Mercado das Letras, 2000.

DUARTE, Maria Eugênia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: ROBERTS, I. e M. A. KATO (Orgs). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica (Homenagem a Fernando Tarallo)*. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

GALVES, Charlotte. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I. e M. A. KATO (Orgs). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica (Homenagem a Fernando Tarallo)*. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

_____. Da redação à produção de textos. In: LEITE, Lígia Chiappini Moraes (org.). *Aprender e ensinar com textos*. São Paulo: Marca D'água, 1995.

_____. Concepções de Linguagem e ensino de português. In: _____. (Org.). *O texto na sala de aula*. 4º ed. São Paulo: Ática, 2006.

_____. Prática de leitura na escola. In: _____. (Org.). *O texto na sala de aula*. 4º ed. São Paulo: Ática, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo, Contexto, 2001. 15º ed.

LUFT, Pedro Celso. *Língua e Liberdade*. 8º ed. São Paulo. Editora Ática, 2003.

MAGALHÃES, Telma Moreira Viana. *Aprendendo o Sujeito Nulo na Escola*. Dissertação de Mestrado: UNICAMP, 2000.

_____. *A aquisição de pronomes sujeitos no PB e no PE*. CNPq. Revista Letras de Hoje. Porto Alegre. Volume 42, número 1. 2007.

_____. *As diferenças entre gramática da fala e a “gramática” da escrita no Português Brasileiro e suas consequências para o ensino da língua*. Revista do Gelne. Volume 10, número 1. 2008.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo e LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis; Insular, 2º edição. 2005.

NETO, José Ferrari. Introdução: as bases e os objetivos da Gramática Gerativa. In: NETO, José Ferrari e SILVA, Cláudia Roberta Tavares Silva (orgs.) *Programa Minimalista em foco: princípios e debates*. Curitiba: CRV, 2012.

NEVES, Maria Helena de Moura. A gramática revelada em textos. In: _____. *A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na língua portuguesa*. 3º ed. Editora Contexto. São Paulo, 2008.



XII Encontro de Formação de Professores de Língua Estrangeira – ENFOPLE

OLIVEIRA, M.K. Desenvolvimento e aprendizado. In: OLIVEIRA, M.K. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico*. 4º ed. São Paulo: Scipione, 2006.

PONTES, Eunice Souza Lima. *Sujeito: Da sintaxe ao discurso*. Editora Ática, 1986.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.